



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS TEATRAIS CONTEMPORÂNEOS

DILMA TEREZINHA DA SILVA BARRETO

TRAJETÓRIA E MEMÓRIAS:

O envolvimento do eu - professora com as vivências entre as
Artes Cênicas e a Educação Inclusiva

MACAPÁ-AP

2022

DILMA TEREZINHA DA SILVA BARRETO

TRAJETÓRIA E MEMÓRIAS:

O envolvimento do eu - professora com as vivências entre as
Artes Cênicas e a Educação Inclusiva

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Estudos Teatrais Contemporâneos do Departamento de Pós-graduação – DPG – da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, Campus Macapá, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Estudos Teatrais Contemporâneos. Linha de Pesquisa: Processos Contemporâneos no Ensino do Teatro.

Orientadora: Prof. Dra. Adélia Aparecida da Silva Carvalho.

MACAPÁ-AP

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Biblioteca
Central da Universidade Federal do Amapá Jamile da Conceição da
Silva – CRB-2/1010

B273t Barreto, Dilma Terezinha da Silva.
Trajetória e memórias: O envolvimento do eu - professora com as vivências entre
as artes cênicas e a educação inclusiva / Dilma Terezinha da Silva Barreto. – 2022.
1 recurso eletrônico. 21 folhas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Estudos Teatrais
Contemporâneos) – Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Programa de
Pós-Graduação em Estudos Teatrais Contemporâneos, Macapá, 2022.
Orientadora: Professora Doutora Adélia Aparecida da Silva Carvalho

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF). Inclui

referências.

1. Artes – Estudo e ensino . 2. Escrivência. 3. Educação inclusiva. I. Carvalho,
Adélia Aparecida da Silva, orientadora. II. Título.

Classificação Decimal de Dewey. 22 ed. 707

BARRETO, Dilma Terezinha da Silva. **Trajetória e memórias**: o envolvimento do eu -
professora com as vivências entre as artes cênicas e a educação inclusiva. Orientadora:
Adélia Aparecida da Silva Carvalho. 2022. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso
(Especialização em Estudos Teatrais Contemporâneos) – Universidade Federal do Amapá,
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Teatrais Contemporâneos,
Macapá, 2022.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS TEATRAIS CONTEMPORÂNEOS

**TRAJETÓRIA E MEMÓRIAS: O envolvimento do eu - professora com as
vivências entre as Artes Cênicas e a Educação Inclusiva**

Autora: Dilma Terezinha da Silva Barreto

Defesa em: 30/06/2022 às 19hrs

Conceito Obtido: _____

Banca Examinadora:

PROF.^a (ORIENTADORA) DRA. ADÉLIA APARECIDA DA SILVA CARVALHO

PROF.^a DRA. JULIANA SOUTO LEMOS

PROF.^a MA. MARILENE APARECIDA BATISTA

TRAJETÓRIA E MEMÓRIAS: O envolvimento do eu - professora com as vivências entre as Artes Cênicas e a Educação Inclusiva

RESUMO

O presente artigo pretende através de uma proposta de escrita de si apresentar a minha trajetória a partir do envolvimento do eu -professora e as vivências entre as artes cênicas e a educação inclusiva. Acesso minhas memórias através da prática das minhas “escrevivências” inspirada no conceito cunhado por Conceição Evaristo. O objetivo desse trabalho é analisar as experiências das aulas de artes no Centro Educacional Raimundo Nonato Dias Rodrigues, percebendo as transformações pedagógicas e metodológicas no fazer educacional a partir da relação com as minhas experiências artísticas e formativas. Assim, compartilho memórias de vida pessoal, social e profissional das questões que me atravessam enquanto mulher negra, artista e professora e se entrelaçam com outras histórias potencializando a coletividade e processos das práticas teatrais aprendidas no curso de Especialização em Estudos Teatrais Contemporâneos na Universidade Federal do Amapá. Este estudo trará contribuições relevantes no âmbito de experiências e práticas de atividades teatrais em contexto social atual.

Palavras-chave: Escrevivência. Artes Cênicas. Educação Inclusiva.

ABSTRACT

This article intends, through a proposal of self-writing, to present my trajectory from the involvement of the self-teacher and the experiences between the performing arts and inclusive education. I access my memories through the practice of my “writings” inspired by the concept coined by Conceição Evaristo. The objective of this work is to analyze the experiences of the arts classes at the Raimundo Nonato Dias Rodrigues Educational Center, realizing the pedagogical and methodological transformations in the educational practice from the relationship with my artistic and formative experiences. Thus, I share memories of personal, social and professional life of the issues that cross me as a black woman, artist and teacher and intertwine with other stories, enhancing the collectivity and processes of theatrical practices learned in the Specialization course in Contemporary Theater Studies at the Federal University of Amapa. This study will bring relevant contributions within the scope of experiences and practices of theatrical activities in the current social context.

Keywords: Writing. Performing Arts. Inclusive education.

Memórias- Um pouco de mim

Pensar o quanto é difícil iniciar uma escrita, são inúmeras idas e voltas no apagar do teclado e quando a escrita é sobre o “eu” se torna mais desafiador, não pela falta do que dizer, mas pelo excesso, momentos e memórias de uma trajetória

constante. Eu sou filha de José e Maria, casal oriundos de Mazagão Velho¹, mãe do Vinícius, mulher, negra, artista, professora de Artes Cênicas, estudante, com raízes fincadas na região norte, que ama tomar um açaí com peixe frito, isso que me ressignifica todos os dias. São esses “eus” que alinham a minha existência nessas imperfeições perfeitas.

Minha infância foi marcada com impressões de simplicidade e incentivos, em divertir e imaginar diferentes histórias, a rua e o rio eram locais perfeitos mas, rendiam diante das travessuras umas boas palmadas, recordo das vezes que minha mãe aparecia com o “cipó”, sim, ela própria o produzia incentivada pelas nossas demoras: cortava o galho da goiabeira retirava os galhinhos verdes e as folhinhas recentes e já virava um objeto de estímulo para nossas corridas. Quando a enxergávamos na esquina, corríamos com os pés cheios de lama do rio mutuacá, uns sorriam outros choravam, essa infância neste lugar durou pouco tempo.

Com a dificuldade de escolarização, transporte, atendimento médico e algumas situações básicas, meus pais resolveram morar na capital do estado, como tantas famílias que traziam seus filhos em busca de melhores condições. A casa era pequena, mas o quintal sempre foi gigante, entre o brincar e o estudar a fase da infância foi cheia de aventuras e imaginações e assim parafraseando Chico Buarque “Agora eu era o rei, era o bedel e era também juiz, e pela minha lei a gente era obrigada a ser feliz”,² vivíamos nossas aventuras.

Sou a sétima de um total de dez filhos e sempre em casa havia a confusão por parte dos meus pais no momento de chamar o nome dos filhos. Em ordem crescente de nascimento assim foram registrados: Jadson José (*in memoriam*), Delza Maria (*in memoriam*), Delzira Barreto, Delma Suely, Jackson Jorge, Jandir Barreto, Dilma Terezinha, José Roberto, Dilza Ione e Rita Délia. Até hoje admiro a minha mãe por ter criado tantos herdeiros com responsabilidade e paciência. Rememoro esta fase da minha vida por ter referência a trajetória que tracei para a profissão que escolhi. Dentre os parentes fraternais uma nasceu com deficiência -hoje já sabemos disso- no entanto naquela época minha mãe costumava leva-la constantemente ao hospital, como a

¹ Mazagão Velho é um distrito do município brasileiro de Mazagão no interior do estado do Amapá. Fundada em 23 de janeiro de 1770 pela Coroa Portuguesa, para abrigar famílias vindas da Mazagão Africana, uma colônia portuguesa no Marrocos desativada e transferida para o Brasil. (site: Prefeitura Municipal de Mazagão).

² Música: João e Maria, com melodia de Sivuca (1940) e letra de Chico Buarque de Holanda (1976), lançada em 1977 do álbum “Meus amigos são um barato” de Nara Leão.

diferença de idade entre mim e ela é de apenas três anos eu acabava sendo a escolhida para ir junto, as viagens eram demoradas e cansativas.

Enquanto família numerosa, negra e pobre enfrentamos dificuldades das quais nem eu como umas das filhas do meio, nem meus irmãos mais novos podem mensurar, mas meus pais que sempre mantiveram o necessário para nossa sobrevivência com alimentação, moradia e estudos e os irmãos mais velhos que tiveram uma infância curta tendo que ir morar em casa de parentes, tios próximos e de padrinhos e madrinhas de batismo.

No decorrer dos anos fui percebendo a importância dada pelos meus pais aos estudos, embora eles por motivos dos quais desconheço tenham concluído apenas a etapa básica, nós sempre éramos incentivados a seguir. Contudo, recebemos valores apreendidos no seio familiar, nos encontros aos domingos na frente de casa aonde meu pai contava suas histórias, nos risos soltos da minha avó e as brincadeiras de roda na rua, escrevo então para recordar, registrar, rememorar, solidificar a essência do poder da educação transformada no eu-professora na minha vida.

É por essa apropriação de signos gráficos³ que me reconheço nessa reflexão. Evaristo (2020) ressalta o valor da escrita, sem perder os ensinamentos, as histórias orais de nossos ancestrais, a vivência de determinadas experiências específicas que constroem diferenciados seres humanos. E é nesse acreditar nas personagens humanas a qual considero ser a minha realidade, que este artigo será embasado, contempla o percurso a partir das minhas experiências com todas as características sociais e pessoais que me atravessam enquanto mulher negra, artista e professora.

Por ser muito tímida durante a juventude, uma professora de português da escola em que eu estudava orientou meus pais a me matricular em aulas de teatro que aconteciam na Escola de Artes Cândido Portinari⁴ em Macapá/Amapá, lá aprendi introduções básicas e algumas práticas e de fato contribuíram para a melhora da

³De acordo com os textos de Conceição Evaristo os signos gráficos correspondem ao pertencimento da letra e da escrita, a apropriação dessa escrita sem esquecer da oralidade dos seus ancestrais.

⁴ Localizada na esquina da Rua Candido Mendes com a Avenida Raimunda Alvarez da Costa, no bairro central de Macapá, a Escola de Artes Cândido Portinari possui prédio histórico inaugurado em 20 de junho de 1973, quando o Estado ainda era Território Federal, porém passa por reforma e as atividades estão funcionando em prédio alugado. Atualmente a escola atende alunos para cursos técnicos com pequena duração, formação inicial e continuada-FIC, na qualificação profissional. Dentre os cursos ofertados (ilustrador, artesanato de pintura em tecido, cartoneiro à mão, serigrafia, iniciação artística, entre outros).

minha desenvoltura com pessoas e público em relação a timidez. Após o término das oficinas segui participando de ensaios e espetáculos teatrais religiosos voltados à Semana Santa e Autos de Natal no bairro em que morava.

Cursei magistério em escola profissionalizante e posteriormente ingressei no Curso de História na Universidade Federal do Amapá, caminhos que me levaram a realizar o concurso público e fazer parte do quadro efetivo de professores na área da educação especial e inclusiva. Cheguei em um momento da minha carreira em que, primeiramente, designo o adjetivo -professora- antes do nome pelo qual fui batizada, mas acredito que seja assim que aconteça com todos que se entregam à profissão.

A convivência com minha irmã que tem deficiência e praticamente excluída do convívio escolar, social, cultural, sempre foi motivo real para entender questões sobre as dificuldades na aprendizagem e desenvolvimento cognitivo das pessoas com deficiência intelectual, ressalto, também, o meu envolvimento como artista no Grupo Teatral Amigos da Cultura-AP, dirigido por Wendel Guimarães, que é pessoa com deficiência – paralisia cerebral, assim para mim a urgência e o estudos se tornaram imprescindíveis e essas experiências impulsionam para a continuidade no processo educacional nas artes cênicas.

Atrelado a esses pontos como já havia citado anteriormente está o fato de o teatro ter me ajudado no trato com a timidez e ter me proporcionado situações de vivências coletivas que foram determinantes para o desenvolvimento pessoal. Ao exercer a profissão, notoriamente identificamos alunos/as inibidos, envergonhados, introspectivos, mas que anseiam em ser inclusos no processo educacional com igualdade de oportunidades.

Para tanto, neste artigo por meio de escrivências pretendo descrever os caminhos que me trouxeram até aqui, apontar as experiências como professora com conhecimentos em teatro-amador⁵ e, posteriormente, perceber as transformações pedagógicas e metodológicas do eu-professora adentrando os estudos em Teatro-educação. Foram essas trajetórias experienciadas por mim ora exitosas, outras vezes intrigantes com dúvidas e incertezas que me levaram a esse estudo.

⁵ O teatro amador inclui todo o teatro que é realizado sem intenção de subsidiar recursos financeiros ou distribuição desses recursos entre seus realizadores (SILVA, 2012, p.1), normalmente praticado por grupo de pessoas que apreciam as artes.

O espaço de envolvimento eu-professora e os alunos

O Centro Educacional Raimundo Nonato Dias Rodrigues local onde fui lotada após aprovação no concurso público do estado, viabiliza o atendimento aos educandos com deficiência intelectual, deficiência múltipla, transtorno do espectro autista, síndrome de down, outras síndromes genéticas e congênitas assim como, condições de comorbidade através de atendimento Educacional Especializado (AEE), atendimento Clínico e/ou educacional (ACE), atendimento pedagógico e salas ambientes temáticas (SATS).

Conforme Projeto Político Pedagógico do Centro-PPP (2020), a instituição foi criada pelo Decreto n.º 4.000 de 08 de julho de 1996, mas o prédio foi inaugurado em agosto de 1996, funcionando primeiramente como Centro de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais (CAPNE). Isso foi possível devido ao Termo de Comodato entre Governo do Estado e as Associações de Pais e Amigos dos Deficientes e outras associações com atividade no atendimento a essa clientela, no entanto o termo foi cancelado com a apenas oito meses e as entidades buscaram novos espaços para darem sequência aos seus trabalhos de forma independente.

Adaptado para ser o primeiro Centro de Educação Especial do Estado em 1997, até o ano de 2021 foi o único a atender pessoas com deficiência intelectual e autistas por isso recebe educandos de todas as áreas da capital, e também dos municípios mais próximos. Recebeu o nome de Raimundo Nonato Dias Rodrigues como forma de homenagear o instrutor musical com deficiência visual que exercia suas funções na instituição.

O CERNDR presta um serviço de referência em Atendimento Educacional Especializado e Clínico em caráter público e atende aproximadamente 525 educandos, oriundos de diversos bairros da capital. Oferece ainda atendimento, orientação e avaliação para alunos de outros municípios do Estado como: Porto Grande, Santana, Mazagão, Ferreira Gomes, Breves, Laranjal do Jari e outros. (PPP, p.14, 2020).

O Centro Educacional é um espaço diversificado para atender as especificidades da condição de cada um dos seus alunos. Estando neste ambiente fui designada a integrar a Sala Ambiente Temática -SATS, espaço que tem como foco exercitar o desenvolvimento das habilidades dos estudantes com deficiência a partir

dos 14 anos, objetivando a inclusão social. São atendidos grupos de 15 (quinze) alunos no máximo em cada sala, as demais salas são: Artes plásticas, artesanato diversificado, reciclagem, atendimento pedagógico (lógico-matemático), atendimento pedagógico (alfabetização), atividade da Vida Diária (AVA), Educação física adaptada e Artes Cênicas.

Cabe aqui, ressaltar um dos conceitos relevantes em relação ao que seria pessoa com deficiência contido na Lei Brasileira de Inclusão. Uma vez destinada para exercer tal função conhecer o público atendido se faz caminho prioritário.

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (2015, p.10)

Promulgada em 6 de julho de 2015, a Lei Brasileira de Inclusão -LBI ou Estatuto da Pessoa com deficiência é uma das leis mais recentes e completa em relação às políticas de educação, busca assegurar direitos fundamentais com vistas à inclusão social e cidadania, destaco também o capítulo IX, que se refere diretamente ao trabalho que desenvolvo, do direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer art. 43 inciso III “assegurar a participação da pessoa com deficiência em jogos e atividades recreativas, esportivas, de lazer, culturais e artísticas, inclusive no sistema escolar, em igualdade de condições com as demais.”.

Trabalhar com pessoas com deficiência me causou um misto de sentimentos: ansiedade, medo, curiosidade, satisfação, alegria, gratidão por estar ali tendo a oportunidade de iniciar vivências profissionais. inicialmente encarei como um desafio, baseada nos estudos da especialização em Educação Inclusiva concluída um mês antes de ser admitida no quadro efetivo estadual, mas e o teatro? Como incluir atividades cênicas em grupos de pessoas com diferentes deficiências? No que o teatro amador e as construções por meio de oficinas anteriores à minha admissão iriam contribuir no meu fazer educacional? Essas expectativas reverberaram, diretamente, em mim até encontrar caminhos para-desvenda-las.

Embora alguns dos estudantes já tivessem tido o contato introdutório de aulas de Artes Cênicas com o professor Elder Brandão (que por questões particulares migrou para outro município do estado do Amapá, abrindo assim a carência da vaga),

aos educandos recentemente matriculados e para mim foi oportunizado o início de uma experiência. O primeiro encontro do eu-professora com os alunos aconteceu e aquele medo e ansiedade se transformaram em incentivos.

Nas primeiras semanas de aula me desconstruí acerca de todas as exigências e obrigações das quais as escolas normatizam, conhecer a realidade do Centro Raimundo Nonato evidencia em nós transformações significativas: é entender que temos que flexibilizar a aula em virtude de um aluno autista ter tomado remédio que o deixava sonolento à ponto de dormir na cadeira, e você respeitar o sono dele e a necessidade específica dele, é aguardar o aluno com baixa visão ou com cegueira chegar um pouco atrasado por que os espaços e caminhos não são adaptados para ele, não seria um privilégio, mas a compreensão de uma realidade. Aguardar, mudar de tema a aula, ser maleável para se adaptar à realidade que nos é apresentada, compreendendo na prática o ato de inclusão.

Tive que me reinventar. E afirmo: eu não estava totalmente preparada para este ensinar! Mas não foi por falta de estudos, cursos, titulações, o fato é que não aprendemos totalmente como ser uma professora. Quando passamos a nos colocar no lugar do outro percorre em nós um alerta contínuo. Comecei a observar os espaços em que frequentava, escolas, igreja, cinema, praças, a perceber se os banheiros eram adaptados, se existiam rampas, portas com espessura própria enfim, acessibilidade⁶.

Entender que para a maior porcentagem dos alunos este espaço é o único local ao qual eles têm acesso e onde reverberam seus anseios desenvolvendo práticas educacionais, pois há os que já conseguiram concluir o ensino básico e não tem ocupação empregatícia, há os que, por opção familiar, não frequentam as escolas do ensino regular e aqueles que nunca frequentaram qualquer outra instituição de ensino por motivos diversos.

É neste espaço que os educandos se encontram com seus pares, se comunicam, nele também tenho sentimentos próprios de gratidão e me afeta diretamente, porque foi onde minha irmã, que é pessoa com deficiência intelectual,

⁶De acordo com o Estatuto da Pessoa com deficiência no Artigo 53. A Acessibilidade é direito que garante à pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida viver de forma independente e exercer seus direitos de cidadania e de participação social.

iniciou sua socialização, participando de passeios, encontros e eventos os quais contribuem nas relações interpessoais. Durante toda a infância e juventude a constância dela sempre foi dentro de casa.

Já atendendo nos grupos das Sats eu passei a realizar atividades absorvidas durante os cursos que fiz no teatro amador. Como exemplo: dinâmicas de apresentação, de relaxamento, de aquecimento, movimentos corporais imitando sons/movimentos de animais, toque no espelho objetivando o reconhecimento do próprio corpo. Preparava a acolhida com alguma dinâmica curta e rápida, mas nos períodos iniciais observei a insuficiência de tempo para cada grupo, a campanha sempre tocava antes de eu concluir a intervenção e diante dos inúmeros episódios atípicos ocorridos, diariamente, os quais fui aprendendo a resolver eu ia modificando a metodologia utilizada.

O centro trabalha efetivamente com o calendário inclusivo e de datas comemorativas festivas, pois procura evidenciar o envolvimento social dos estudantes, nesse sentido era importante eu concluir as propostas de atividade em tempo hábil, porque logo iniciaria ensaios coreográficos ou de determinadas peças de acordo com a temática, ou seja, como exemplo temos dia 02 de abril – dia do autismo trazemos como evento o “ascender das luzes” momento em que ocorrem as apresentações específicas para tal.

Outras datas relevantes são páscoa, dia das mães, festa junina, dia nacional da luta da pessoa com deficiência, onde ocorrem os Jogos Olímpicos adaptados, a abertura é realizada com encenação da Sats de Artes Cênicas, evento este que reúne todos os centros especializados, a Semana Nacional da Pessoa com deficiência intelectual e múltipla e as apresentações natalinas. Vale ressaltar que todos esses informes foram dados a mim durante semana pedagógica na minha chegada, com as devidas atribuições que me cabem.

Mediante estas etapas optei como metodologia em realizar as propostas das dinâmicas de forma semanal, tendo em vista os atendimentos serem diários com horários de cinquenta minutos para cada grupo, então toda segunda-feira iniciava com uma acolhida mais longa e que tivesse ligação com a sequência temática, na terça-feira e quarta-feira introduzia os sons e melodias associadas ao movimento corporal,

na quinta passei a usar a dinâmica com o conteúdo teatral propriamente dito (encenações, figurinos, técnicas aprendidas no teatro amador ou pesquisadas) e na sexta-feira pontuava exercícios de relaxamento com conclusão de forma prática/concreta por meio de cenas curtas e/ou desenhos individuais. Esse movimento contribuiu para o aumento na qualidade das atividades e compreensão dos alunos.

No entanto, nem todos os alunos iam diariamente, faltavam em virtude de diversas situações e ocorria a perda de alguma das sequências. O fato é que continuei realizando experimentações sempre com o intuito do feedback favorável entre o eu-professora e os educandos. Essas modificações e/ ou flexibilizações são necessárias nas práticas sugeridas.

Não existe um dia comum no meu trabalho, todos os dias sou convidada a ressignificar minhas ações e encher de sentidos os espaços, cotidianamente refletia se as atividades as quais estava desenvolvendo com os alunos tinham de fato relação com as artes cênicas, se estava conseguindo levar o aprendizado necessário à ponto de tecer significados e não objetivava apenas o aprender específico, mas mediar conflitos, fazê-los perceber acerca dos direitos e deveres de cada um.

Antes das dinâmicas eu costumava direcionar algum tema para discussão entre eles, claro que as participações na hora de falar sempre foram de forma introspectiva, pois alguns possuem dificuldades na dicção e linguagem e já passaram por inúmeros desconfortos, ironias em relação a sua verbalização, esses processos excludentes deixam marcas que se manifestam em atitudes de timidez que não permitem confiança imediata.

Em uma das dinâmicas que desenvolvi em fevereiro de 2017 denominada “varinhas que não quebram”⁷ em que o objetivo é desenvolver a união entre os pares, e estimular a autorreflexão. Eu distribuí um palito de churrasco para cada aluno do grupo, depois solicitei que um aluno viesse ao centro do círculo, pegasse um dos palitos e tentasse quebrar ao meio (evidentemente quebrou com facilidade) posteriormente perguntei se tinha sido fácil ou difícil e eles responderam obviamente, fácil. Logo após solicitei que unissem os palitos inteiros de todos (seis alunos) e

⁷ <https://www.rhportal.com.br/dinamicas-de-grupo/varinhas-que-no-quebram/>

novamente chamei um voluntário para tentar quebrar os palitos juntos num único feixe, (dificilmente alguém conseguia), então os indaguei novamente se tinha sido fácil ou difícil, eles concluíram a dificuldade de quebrar quando os palitos estão juntos. Assim mediava de forma a associar os palitos a cada um deles, ou seja, os palitos são como as pessoas, sozinhos somos fracos e unidos nos fortalecemos para a construção e conquistas. Dessa forma sempre os levando a contribuir nas aulas de teatro com participação efetiva e introduzia questões sobre união e engajamento estimulando os próprios educandos a realizarem suas conclusões e relacionarem com a atividade da Sats.

Contribuições das aulas da Especialização em Estudos Teatrais Contemporâneos na prática teatral

Minha trajetória no âmbito das artes desde as primeiras oficinas de teatro na escola Cândido Portinari foi constante, o desejo em ingressar em curso superior em Teatro era permanente, mas, as universidades públicas nem as privadas ofereciam ainda no estado do Amapá. Somente em 22 de novembro de 2013 através do artigo 1º da resolução nº 041/2013 foi aprovado e implantado o Curso de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Amapá, e configurou um marco na história dos artistas amapaenses oportunizando a aprendizagem de componentes pedagógicos e metodológicos para formar professores de teatro.

Na impossibilidade de retomar os estudos em mais uma graduação optei em realizar outra especialização na área de Políticas Educacionais, e no trabalho continuamos desenvolvendo os projetos dentro da perspectiva do calendário anual na escola, nesse interim fiquei sabendo sobre a pós-graduação em teatro.

Meu primeiro contato com o curso de teatro foi através de uma palestra com um professor do curso de teatro. Elaboramos em agosto de dois mil e dezoito (08/2018) um projeto para celebrar a Lei 13.585/2017, que instituiu a Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla sendo os dias 21 a 28 de agosto de cada ano. Em acordo com a equipe de professores das SATs mobilizamos os diversos agentes do fazer inclusivo e escolhemos um tema central para o evento proposto

“Acessibilidade Cultural” e levamos diversos seguimentos para a apreciação dos alunos. O Professor Dr. Emerson de Paula, coordenador da especialização em estudos teatrais contemporâneos da universidade deu início ao evento com a palestra “Acessibilidade e cultura” aonde de forma acessível explanou sobre os espaços culturais do estado.

Esse contato com o Professor Emerson de Paula me permitiu ter acesso à informação sobre o primeiro processo seletivo para ingresso na Especialização em Estudos Teatrais Contemporâneos-EETC, despertando para a candidatura à vaga na linha de pesquisa “Processos Contemporâneos no Ensino do Teatro” passando pela seletiva das três etapas e logo adentrando, novamente os espaços da universidade como aluna desta especialização.

Foram esses estudos e minha experiência no grupo de teatro amador que embasaram o meu fazer pedagógico na Sala Ambiente Temática de Artes Cênicas com e para pessoas com deficiências, colocando em prática experimentações artísticas exitosas e elaboradas ou adaptadas para a participação efetiva e inclusiva. O adentrar na Universidade Federal do Amapá-UNIFAP, a partir da especialização representa um novo passo nas elaborações do meu fazer artístico e pedagógico, agora fundamentada e subsidiada por análises e experimentos artísticos com referências científicas, discussões com as quais tive contato nas disciplinas e auxiliaram para ressignificar.

Esse estudo acrescentou um contato mais transparente comigo, as formas das minhas escritas se tornaram mais leves, viria a etapa da desconstrução de uma escrita clássica acadêmica, da reconstrução de uma professora convidada a ampliar suas experiências através de dinâmicas não usuais, de um modo de registro a partir do entendimento de outros e porquê não descrever nossas próprias experiências?

Acrescentei no fazer práticas teatrais tais como o teatro e o conhecimento de si, como incentivo ao convívio, jogos de improviso com adequações, me tornei mais ponderada quanto a utilização de movimentos corporais dos alunos, aonde devo confessar as inúmeras vezes ansiava que deles partisse um levantar de braços síncronos, movimentar dos pés ritmados, acelerados, contudo, entendi que eles sempre me davam o máximo, o melhor não porque eu pedia, e sim porque eles se

sentiam parte, inseridos no processo. O centro Raimundo Nonato para a porcentagem significativa dos educandos é o segundo lar, é o lugar aonde eles gostam de estar.

Determinei desde quando me propus a adentrar as aulas de especialização na Unifap, que iria utilizar todas as propostas possíveis aprendidas como experimentações na escola com os alunos PCD, uma ideia, reflexão, práticas corporais, evidentemente seria necessário adequações e flexibilizações de acordo com os grupos das Sats e os tipos de deficiências apresentadas.

Coincidentemente uma das primeiras disciplinas ofertadas, “Teatro, tecnologia e contemporaneidade” tinha relação com o tema semestral que estava sendo trabalhado nas Salas Ambientes Temáticas-SATs, “Novas Tecnologias”, apesar de abranger basicamente questões teóricas a proposta final do professor foi uma prática aonde teríamos que produzir três vídeos de no máximo três minutos nas dependências da própria universidade e apreciação final na sala com projeção no aparelho de datashow.

Fiz adequações pontuais, principalmente, em relação ao uso individual dos aparelhos de celular aonde entre vinte alunos apenas dois possuem e levam para usar na escola, e convoquei parcerias com os professores das outras oficinas para em grupos contribuírem na orientação, acompanhamento dos alunos e realização da produção dos vídeos curtos no espaço do próprio centro. Nesta proposta realizada na primeira quinzena de novembro de 2019, o objetivo foi conhecer os recursos de vídeos do aparelho celular, ressaltando o movimento e a ação daquilo que está sendo filmado mediante a interação. Assim, compreenderam a dinâmica e aceitaram a proposta de atividade, ao final fizemos a junção dos grupos no auditório para a socialização dos vídeos produzidos, interagindo acerca da relevância das imagens abordadas.

Essa ação trouxe interação de todos os alunos, mas percebi alguns entraves, primeiro em relação à falta de organização inicial no que diz respeito a uma temática específica sobre que vídeos produzir, ficou amplo nas escolhas, seria indicado direcionar aos aspectos naturais, estruturais do centro, possíveis espaços cênicos, entre outros. E essa dinâmica ocorrida na conclusão da atividade era para ter ocorrido no início também no sentido de realizar demonstrações de imagens características do teatro.

Durante a disciplina Artista-Pesquisador-Docente desenvolvi experimentação buscando captar as “marcas” visíveis e principalmente invisíveis dos alunos. Assim reverbera sobre pensar subjetivamente as vivências e o quanto este processo de “ensinar” me ensina e perpassa pelo que Rolnik (1993), denominou de marcas, propondo assim que se considere os acontecimentos passados no plano visível o que é o óbvio, mas também no invisível que também é real, contudo, é menos óbvio. Diante disto me veio insights sobre o meu fazer metodológico e as inúmeras marcas que em mim foram potencializadas.

Ora, o que estou chamando de marca são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir. (ROLNIK, 1993, p. 02)

Para esta proposta de atividade realizada na primeira quinzena de abril de 2022, o objetivo foi de proporcionar sensações e reflexões nos alunos que os fizessem perceber que essas “marcas” são preponderantes para avançar nos níveis de superação e representei a palavra entre aspas por caracterizar inúmeros significados nos resultados.

No primeiro momento após ter realizado algumas pesquisas para desenvolver a atividade compreendi que seria abrangente iniciar a partir do próprio corpo, afinal é nele que estão presentes marcas visíveis e invisíveis transportadas na memória, por um ponto do corpo que fosse acessível e significativo para todos e que tocassem em amplas definições, portanto, as mãos foram o fio condutor.

Historicamente os corpos das pessoas com deficiência foram considerados fragilizados, marginalizados e incapacitantes, nesse pensar o corpo que escreve, que sente, que lê, ela acaba por descrever esse libertar, as inúmeras possibilidades do aprender e do ensinar, sendo assim, utilizei o vídeo “Lúcio 80-30 (Monólogo das mãos)”⁸, para exibir aos alunos no primeiro instante.

Após assistirem ao vídeo sentamos em semicírculo e iniciei uma conversa sobre as várias utilidades das mãos para cada um deles, obtendo as respostas mais

⁸Poema escrito por Giuseppe Ghiaroni, poeta, radialista e jornalista, natural de Paraíba do Sul, seus poemas estão no site e no livro “Os Mais Belos Sonetos que o Amor Inspirou”-J.G. de Araújo Jorge – 1ªed.1963.Vídeo retirado do site (<https://www.youtube.com/watch?v=bGd-EPmQ2iM>) turnê de 2010- O ator Lúcio Mauro interpreta “Lucio 80-30” no Shopping da Gávea -Rio de Janeiro, direção de Lucio Mauro Filho, câmera de Gilbert Sales

óbvias como lavar o rosto, lavar as próprias mãos, pegar na colher, dentre outras, tiveram respostas menos óbvias tais quais, “professora só uso uma das mãos”, “servem para ajudar as outras pessoas”. Estimulei que todos fechassem os olhos e tocassem nas marcas que tinham nas mãos, cicatrizes e desenhos dos dedos e pedi que fechassem e abrissem as próprias mãos.

Em seguida solicitei que cada um relatasse determinadas cicatrizes, se sabiam o que tinha acontecido para tê-las, alguns se queimaram na panela, tiveram ferrada de insetos, arranhões em parede e outras diversas, e depois os questionei sobre as “marcas invisíveis”, o que tinham em suas memórias que os faziam lembrar das amizades, da família, dentre os relatos um tocou em particular nesse processo,

Professora não gosto de sair de casa andando, só quando o motorista me pega na porta que venho pra escola, ou para igreja, por que quando eu saio andando de casa os moleques da rua ficavam rindo, jogando a bola em mim, e me chamando de leso. (depoimento de um aluno durante prática em sala de aula, 2022).

Esse relato me tocou por dois motivos: primeiro essas marcas atingiram um dos direitos fundamentais do ser humano, o direito de ir e vir, e posteriormente pelas marcas do medo e do preconceito arraigado na sociedade em forma de piadinhas pejorativas.

Neste momento refleti sobre qual o meu papel sendo professora a cerca de cinco anos nesta instituição, a experiência me trouxe sabedoria para orientar tal depoimento? Pois eu mesmo respondo - Não, não trouxe! Mas é fato que encheu de sentido essa proposta, após este relato outros vieram e ao invés de tentar responder ou orientar eu preferi escutar, deixando seguir os momentos seguintes para não perder nenhuma das vivências relatadas. A discussão determinante tinha a ver com os acontecimentos individuais e no tocante sobre o que aquela aula representava para a vida de cada um deles. Contudo, esses depoimentos, posteriormente, trouxeram construções de narrativas reais, possibilidades de construções situacionais sobre atitudes adequadas x atitudes inadequadas, enquadramentos de cenas fictícias que retratem as maneiras como são tratadas as diferenças físicas, comportamentais, sociais e afins.

Logo em seguida pedi que cada um tocasse suas próprias mãos, uma mão na outra, e dedilhassem com o dedo as marcas e os desenhos formados na palma das mãos, e expliquei: - Imaginem se essas marcas, essas linhas das mãos não

existissem...Iríamos conseguir abrir e fechar? tocar? Pegar? Apertar? Uma das questões consideradas relevantes desta atividade foi a possibilidade de participação dos alunos em todas as deficiências com alguma resistência daqueles com espectro do autismo que apresentam maior dificuldade em expressar pela linguagem suas opiniões e desejos, contudo, realizaram o dedilhar e entenderam a dinâmica.

No decorrer do curso fomos oportunizados a participar de eventos, palestras, cursos voltados ao teatro inclusão, relatos de experiências os quais traçaram novas tessituras no âmbito do meu trabalho, a utilização de cordas para a dança ou teatro com as pessoas com deficiência visual, técnicas que aumentam a possibilidade e o acesso no desenvolvimento igualitário para todos.

Passei a produzir materiais pedagógicos que possibilitassem a participação da totalidade de alunos, tais como: Dados educativos (lados com temáticas de ações teatrais – encenar um personagem, cantar; dançar hula-hula); caminhos da história (aonde iniciava uma história e solicitava que continuassem). Algumas atividades estruturadas que contemplassem os alunos com espectro do autismo, que não se comunicam através da fala, também foram produzidas tais como a impressão e plastificação de imagens com os movimentos coreográficos (passo a passo) com orientação específica, outra corresponde a associação de personagens ao seu ambiente característico impressos ou feitos com material concreto (objetos prontos) exemplo: a boneca Emília (personagem) mora no sítio (ambiente).

Uma das principais diferenças percebidas nas propostas de atividades do eu-professora artista-amadora para o eu-professora após adentrar os espaços da Universidade Federal do Amapá está em relação à elaboração, aprofundamento reflexivo repleto de sentidos para ambos, as respostas não se encerravam em um exercício. Os alunos eram convidados a aprender, a desenvolver, trazer memórias e depois expressar-se com o corpo, com movimentos, com vozes. Contudo, os conhecimentos iniciais no teatro amador serviram de alicerce na construção do eu-atriz, e desencadeou percepções de outras questões para além daquelas já realizadas, aprendizados que não foram descartados e sim agregados nas aulas de teatro junto aos alunos com deficiência.

Experienciar para novas vivências

Essa trajetória que me atravessa e consequentemente se entrelaça com as histórias de tantos alunos com deficiência, profissionais da educação inclusiva, mães, pais, familiares, professores, artistas, uma coletividade conectada por meio das escrevivências e dá sentido para a elaboração desta escrita, nos torna mundo-vida. Ressalto que os exemplos citados neste artigo são apenas alguns selecionados para exemplificar a discussão e despontar novas possibilidades. Somos seres em constante construção e ao vivenciar essas experiências eu me sinto abrigada nas aulas de Artes Cênicas, no envolvimento com as práticas realizadas com os educandos, entre sorrisos, emoções e ações.

O contato com o conceito de escrevivência cunhado por Conceição Evaristo contribui para busca por uma poética que transgride, desconstrói as intenções de subalternização e exclusões. Evaristo (2021) não pensa no escrever como domínio, escrevivência é interrogação, uma busca de inserção no mundo com as nossas vidas e histórias que o mundo desconsidera, não está para abstração do mundo, mas para a existência, o mundo-vida. E por meio desta escrita que olha para minhas vivências enquanto professora e artista, porém para além de se esgotar em mim, envolve a coletividade, outras histórias entrelaçadas, aprofundadas que vão se construindo, se politizando, socializando.

As pessoas com deficiência também sofreram e sofrem como consequências de suas limitações preconceitos, discriminação, nos cenários artísticos, cultural, educacional são consideradas, muitas vezes, incapazes, limitadas, são histórias que o mundo ainda desconsidera apesar de todas as políticas públicas legitimadas pela Lei Brasileira de Inclusão-LBI. Esse entrelaço de escrita está presente nos poemas de Conceição Evaristo que é mãe de uma pessoa com deficiência e compõe em seus versos a presença preponderante da sua pequena Ainá.

No poema “Menina” escrito para a filha, Evaristo (2008) demonstra todo o seu encantamento, altiva ela exalta a perfeição e os mistérios traduzidos em versos, desvenda ainda no trecho “para minha filha, ou minha mãe, talvez.” a inspiração feminina potente, Ainá é a própria poesia e assim denota a força que conecta os laços da maternidade, do ser mulher.

Ser estudante do curso de especialização em estudos teatrais contemporâneos e ao mesmo tempo estando professora no Centro Raimundo Nonato ressignificou o meu fazer profissional, como mulher negra, atriz, professora e sobretudo irmã de uma pessoa com deficiência, essas conexões contribuíram para o fortalecimento da minha trajetória, tendo compreendido a coletividade das vivências, entendemos que ela não se esgota e a possibilidade de novas escritas remetem a experienciar sempre.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei nº13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2015/lei-13146-6-julho-2015-781174-normaatualizada-pl.pdf>; acesso em: 06 de junho de 2022.

DINIZ, Fernanda Paula. (Ainda) não estamos preparados para lidar com as pessoas com deficiência. Org. FREITAS, A.V.L; DINIZ, F.P; RIBEIRO, T.H.M. **Direitos da Pessoa com deficiência**: Estudos em homenagem ao Professor Daniel Augusto dos Reis. Editora Virtualbooks, PUC Minas/ Contagem, 2018.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos in: **Escrevivência: A escrita de nós**: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Org. Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; 1-ed., Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO-PPP. Centro de Educação Especial Raimundo Nonato Dias Rodrigues, Macapá-Amapá, 2020.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir- Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. Palestra proferida no concurso para o cargo de professor titular da PUC/SP, realizado em 23/06/93.Publicada nos **cadernos de Subjetividade**, v.1 n.2;241-251. Núcleo de Estudos da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

SILVA, Flaviano Souza. Teatro amador no Brasil em meados do século XX: tempo de profissionalismo, tempo de amadorismo. **Anais do VII Congresso da ABRACE**- Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas. Tempos de memória: Vestígios, ressonância e mutações, Porto Alegre, Outubro de 2012.

SILVA, Gislene Alves da. Ateliês autobiográficos: Escritoras de alagoinhas e suas escrevivências. Grau Zero, **Revista de crítica cultural**, folhas 99-116, v.3, n. 1, Alagoinhas, BA, 2015.

SILVA, Assunção de Maria Souza e. Escrevivência: itinerário de vidas e de palavras in: **Escrevivência: A escrita de nós**: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Org. Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; 1-ed., Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.